

A formação sacerdotal à luz do Tríplice Múnus de Cristo

Leandro dos Santos¹

Resumo: O ministério sacerdotal é de suma importância para a vida e a missão da Igreja. Por isso, uma formação séria e eficiente dos futuros presbíteros é fundamental para a promoção da vida e da missão da Igreja. Em tempos em que presenciamos graves crises na Igreja, surge também uma necessária preocupação de renovar a formação sacerdotal e a disciplina do clero. O presente texto apresenta como o conhecimento teórico e, sobretudo, a prática do *Tríplice Múnus* pode colaborar para que o trabalho da formação dos futuros presbíteros construa um caminho formativo que percorra as diversas etapas da vida do sacerdote. A formação sacerdotal à luz do múnus de ensinar, santificar e governar desenvolve um programa de aprendizagem, mas também de conscientização acerca das motivações da vocação, das etapas formativas e do exercício do ministério sacerdotal.

Palavras-chave: Ensinar; santificar; governar; discipulado; configuração.

Abstract: The Priestly Ministry is of primary importance for the life and mission of the Church. Therefore, a well-constructed and vigorous formation of the future

1. Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pós-graduado *lato sensu* Formadores de Seminários e Casas de Formação pela Faculdade Dehoniana de Taubaté/SP, Graduado em Teologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté/SP e Graduado em Filosofia pela Universidade de Taubaté- SP (UNITAU). Presbítero da Diocese de Taubaté.

priests is fundamental to the promotion of the life and mission of the Church. At present, we experience many serious crises in the Church that require a new dedication to renewing the priestly formation and discipline of the clergy. The present text describes how theoretical knowledge and above all the practice of 'Threefold Mission' can contribute to a formation of future priests that builds a formative path through the various stages of the priestly life. Priestly formation in the light of the mission to teach, sanctify and govern encompasses a program of learning. But this formation also highlights awareness of the motivations of the vocation, of the formative stages and of the exercises of priestly ministry.

Keywords: Teaching; sanctifying; governing; discipleship; setting.

Introdução

A partir das novas instruções da *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, temos uma exigência da Igreja proposta para aqueles que desejam fazer um caminho de formação rumo ao ministério sacerdotal². O Papa Francisco recordou esse documento: “trata-se de conservar e desenvolver as vocações, para que produzam frutos maduros. Elas constituem um ‘diamante bruto’, que deve ser trabalhado com habilidade, respeito pela consciência das pessoas e paciência, para que resplandeçam no meio do Povo de Deus”³.

Uma das características distintas e dos conteúdos fundamentais que o presente documento apresenta é justamente a compreensão de que as etapas da formação - filosofia e teologia - sejam compreendidas como um caminho de discipulado e configuração com a pessoa de Cristo. Para a etapa da filosofia, o tempo do discipulado, tal como acontece com todo discípulo, o formando deve desenvolver atividades e atitudes que são próprias do discípulo: ouvir e deixar-se conduzir pelo mestre. Já o tempo da teologia, define-se como a etapa

2. O uso do termo “formação sacerdotal” segue a compreensão adotada em diversos documentos eclesiais para se referir à formação dos presbíteros (sacerdócio ministerial). O leitor deve ler o texto com atenção para perceber quando o termo sacerdote/sacerdotal estiver se referindo à “identidade pessoal” e quando estiver se referindo à “condição vivencial” ministerial ou batismal dos ordenados. Embora o termo sacerdotal em muitos sentidos também cabe aos leigos e religiosos, o texto não pretende discutir a formação para a vivência do sacerdócio batismal dos religiosos e leigos.
3. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, 2017, n. 1.

da configuração com Cristo-Cabeça. “O discipulado e a configuração a Cristo, obviamente, acompanham toda a vida; por isso, o que se entende por etapa do discipulado e etapa de configuração é a especial atenção dedicada em dois momentos da formação inicial à compreensão de que se é discípulo e à necessidade de entender o chamado ao ministério e à vida sacerdotal como uma contínua configuração a Cristo”⁴.

É nesse sentido que consideramos que desenvolver uma formação inicial e permanente dos futuros presbíteros, a partir do exercício do “*tria munera*”, ou seja, dos ofícios de ensinar, santificar e governar, e aplicá-lo já no trabalho formativo, poderá colaborar para que formemos verdadeiros discípulos e missionários configurados com o Cristo mestre, sacerdote e rei-pastor.

Neles, a educação dos alunos deve tender a que, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, mestre, sacerdote e pastor, se formem verdadeiramente pastores de almas. Preparem-se, pois, para o ministério da palavra: para que a palavra de Deus revelada seja por eles cada vez melhor entendida, a possuam pela meditação e a manifestem por palavras e costumes. Preparem-se para o ministério do culto e santificação: para que, pela oração e exercício das sagradas funções litúrgicas, exerçam a obra da salvação através do sacrifício eucarístico e dos sacramentos. Preparem-se para o ministério de pastores: para que saibam representar aos homens Cristo que não ‘veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida pela redenção de muitos’ (Mc 10, 45; Jo 13, 12-17) e para que, feitos escravos de todos, ganhem a muitos (1 Cor 9, 19)⁵.

A missão de ensinar, santificar e governar é realizada pelo sacerdote por meio da graça sacramental na qual ele foi investido pelo sacramento da Ordem. Para entender o que significa agir *in persona Christi Capitis* – na pessoa de Cristo Cabeça – por parte do sacerdote e para compreender inclusive quais consequências derivam da tarefa de representar o Senhor, especialmente no exercício destes três ofícios, antes de tudo é preciso esclarecer o que se entende por “representação”. Quem define o sentido teológico e espiritual desse termo é o Papa Emérito Bento XVI:

4. *Idem*, n. 5.

5. OT 4.

O sacerdote representa Cristo. O que quer dizer, o que significa ‘representar’ alguém? Na linguagem comum, quer dizer – geralmente – receber uma delegação de uma pessoa para estar presente no seu lugar, falar e agir no seu lugar, porque quem é representado está ausente da ação concreta. Perguntamo-nos: o sacerdote representa o Senhor do mesmo modo? A resposta é não, porque na Igreja Cristo nunca está ausente, a Igreja é o seu corpo vivo e a Cabeça da Igreja é Ele, presente e em ação nela. Cristo nunca está ausente, aliás está presente de um modo totalmente livre dos limites de espaço e tempo, graças ao evento da Ressurreição⁶.

O sacerdote age *in persona Christi Capitis*, em representação do Senhor. Nunca age em nome de um ausente, mas na própria Pessoa de Cristo Ressuscitado, que se torna presente com a sua ação realmente eficaz. A ação de Cristo se realiza no sacerdote a fim de que ele possa exercer o poder de abençoar, santificar e consagrar. Assim, o Senhor torna presente a sua própria ação na pessoa que realiza tais gestos sacramentais.

Durante o processo formativo, o formando deverá identificar-se com o Mestre através de suas palavras, gestos e ações. O futuro presbítero deverá realizar um processo de conhecimento e identificação com a missão de Cristo, para que possa “representá-lo” mediante a missão de ensinar, santificar e governar.

Pastor da comunidade – à imagem de Cristo, Bom Pastor, que oferece a sua vida por toda a Igreja –, o sacerdote existe e vive para ela; por ela reza, estuda, trabalha e se sacrifica; por ela está disposto a dar a vida, amando-a como Cristo, dirigindo para ela todo o seu amor e a sua estima, prodigando-se com todas as forças e sem limites de tempo por torná-la, à imagem da Igreja esposa de Cristo, cada vez mais bela e digna da complacência do Pai e do amor do Espírito Santo⁷.

O Cristo ressuscitado continua agindo concretamente em sua Igreja por intermédio de seus ministros. Por isso, a formação daqueles que vão receber esse serviço é tão séria e exigente, pois deverão en-

6. BENTO XVI, “A essência do sacerdócio”, in _____, *O Ano Sacerdotal: Coletânea de Textos*, 2011, p. 47.

7. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 8.

sinar e despertar a fé, reunir o povo e criar a presença da verdade de Cristo que guia e santifica.

O presente texto quer ser uma resposta àquilo que consideramos indispensável: a formação sacerdotal à luz do *Tria Munera* possibilitará ao futuro sacerdote compreender concretamente qual é a sua missão e em que consiste a natureza e o exercício do futuro ministério que pretende assumir.

1. O processo de formação sacerdotal e a missão de ensinar

Na atualidade, torna-se urgente a dimensão educativa/formativa dos futuros presbíteros para que estes possam exercer a missão de ensinar. Para que isso se realize de maneira eficaz, é de suma importância que estes sejam conscientizados dessa urgência. Na atual sociedade, verifica-se uma dúvida que impera sobre as escolhas que devemos fazer ao longo da vida. São muitas as interrogações que hoje afligem a sociedade, especialmente, a juventude. Isso significa que os jovens que chegam hoje nas casas de formação trazem também muitas dúvidas, debilidades, questionamentos sobre o mundo, de onde vieram e para onde vão, como fazer o bem, como viver nesse tempo, quais são os valores fundamentais que devem reger a sociedade hoje.

Através dos estudos acadêmicos, os futuros presbíteros poderão constatar as mais variadas respostas a todas essas perguntas. O estudo da filosofia, por exemplo, deve ajudar a questionar e aprofundar sobre temas que hoje merecem ser investigados. “Para ser eficaz credível, é importante que o presbítero – na perspectiva da fé e do seu ministério – conheça, com um sentido crítico construtivo, as ideologias, a linguagem, os laços culturais, as tipologias difundidas pelos meios de comunicação e que, em grande parte, condicionam as mentalidades”⁸.

O estudo da filosofia e da teologia deve iluminar as ideologias que se contrapõem aos valores fundamentais da pessoa humana e do fiel cristão. Ideologias que surgem e desaparecem cotidianamente, criando confusão sobre as decisões fundamentais a serem feitas pelo homem. “É da própria natureza do ministério ordenado que a formação intelectual encontre sua específica justificação e manifeste a sua

8. *Idem*, n. 63.

urgência face aos enormes e complexos desafios que se antepõem à missão evangelizadora da Igreja”⁹.

No evangelho vemos explicitamente a ação de Jesus que, diante de uma multidão confusa e perdida, tem compaixão, pois estavam vivendo como ovelhas sem pastor (cf. Mc 6, 34). De modo semelhante, no processo formativo a pessoa do formador é indispensável na vida dos formandos. O Senhor percebeu que aquela multidão vinha de diversos lugares e possuía uma diversidade de correntes e opiniões, pois já não sabiam qual era o verdadeiro sentido das Escrituras, qual era a vontade de Deus. “A condição de vida cristã e presbiteral dos formadores seja exemplo positivamente inspirador aos candidatos ao presbiterado. Tenham consciência de que não preparam presbíteros para um ou outro movimento determinado, mas para a Igreja”¹⁰.

Dentro do processo formativo é relevante o período de discernimento, sobretudo para deixar-se interpelar pela Palavra de Deus. “Esta é a função *in persona Christi* do sacerdote: tornar presente, na confusão e na desorientação dos nossos tempos, a luz da palavra de Deus, a luz que é o próprio Cristo neste nosso mundo”¹¹.

Durante o tempo de formação é necessário que o formando aprenda que o sacerdote não ensina suas próprias ideias, uma filosofia inventada ou ideias e argumentos pessoais que mais lhe aprazem. O futuro presbítero precisa aprender desde o início que ele não fala de si mesmo, não fala por si mesmo, não procura admiradores ou pertencer a um partido próprio, mas ensinar em nome de Cristo, que é a verdade.

Nesse sentido, o ambiente formativo precisa ser o lugar onde os futuros presbíteros aprendam a tarefa e a arte de ensinar em nome de Cristo: ensinar a Palavra de Deus seja pela pregação, seja pela vida (conduta). Para isso, a formação e a edificação do caráter e da personalidade devem ter sempre Cristo como referência, seja no modo de ensinar, seja na maneira de viver e proceder.

Esta motivação ‘pastoral’ da formação intelectual confirma quanto se

9. CNBB, Doc. 93, n. 312.

10. *Idem*, n. 350.

11. BENTO XVI, “A missão de ensinar”, in _____, *O Ano Sacerdotal: Coletânea de Textos*, 2011, p. 113.

disse já sobre a unidade do processo educativo, nas suas diferentes dimensões. A obrigação do estudo, que preenche uma grande parte da vida de quem se prepara para o sacerdócio, não constitui de modo algum uma componente exterior e secundária do crescimento humano, cristão, espiritual e vocacional: na realidade, por meio do estudo, particularmente da teologia, o futuro sacerdote adere à palavra de Deus, cresce na sua vida espiritual e dispõe-se a desempenhar o seu ministério pastoral¹².

O próprio Cristo oferece o critério formativo para bem exercer o múnus de ensinar: “A minha doutrina não é minha” (Jo 7,16). Cristo não se propõe a si mesmo, mas, como Filho, é a voz, a Palavra do Pai. A formação presbiteral é o caminho de configuração com Cristo e nesse caminho todos somos comprometidos. O futuro presbítero deve aprender a ensinar segundo o ensinamento do Senhor e saber que o que ele diz não é doutrina sua. Também precisa superar a tendência de querer difundir suas próprias ideias ou aquilo que lhe pareça mais conveniente, que mais lhe agrade. O ensino da Igreja por parte de seus presbíteros deve traduzir aquilo que o próprio Cristo traz no seu coração, que deseja fazer-se chegar até os confins da Terra.

Por outro lado, deixar de pregar suas próprias ideias não significa que o presbítero seja alguém neutro, apenas um mensageiro de uma mensagem da qual ele próprio não se apropria. O período da formação é tempo para que o formando desenvolva o espírito crítico e a competência em assimilar bem o conteúdo da doutrina, tendo sempre como referencial “Cristo”. Ele é o modelo: “Por mim mesmo, nada posso fazer; conforme ouço, assim julgo; e o meu julgamento é justo, porque não busco agradar a meu próprio desejo, mas satisfazer a vontade do Pai que me enviou” (Jo 5, 30).

O aprendizado do múnus de ensinar deve inserir-se no processo formativo de maneira sistemática e integral, a fim de que o formando se torne capaz de viver e anunciar a Palavra de Cristo, a fé da Igreja e não as próprias ideias. Ele deve dizer também: eu não vivo por mim e para mim, mas vivo com Cristo e para Cristo e, portanto, tudo aquilo que Cristo fez e ensinou se torna também a minha ação e a minha palavra, sempre consciente de que a palavra não é minha.

12. PDV 51.

“Na celebração dos sacramentos, a Igreja transmite a sua memória, particularmente com a profissão de fé. Nesta, não se trata tanto de prestar assentimento a um conjunto de verdades abstratas, como, sobretudo fazer a vida toda entrar na comunhão plena com o Deus Vivo”¹³.

O processo de configuração a Cristo capacita o formando para anunciar em nome dele e representá-lo na sua Igreja e no mundo. O *munus docendi* forma servidores e ministros da Palavra, distribuidores daquilo que não lhes pertence por origem, mas do qual se torna assimilador e dispensador.

A consciência de que a missão de ensinar torna-nos servos também nos lembra de que, como servos, precisamos desse mesmo alimento de que distribuímos. Nesse sentido, o tempo da formação dos futuros presbíteros deve ser o tempo da sustentação e do fortalecimento dos futuros servidores. “A consciência da própria missão de anunciador do Evangelho, como instrumento de Cristo e do Espírito Santo, deverá pastoralmente concretizar-se de modo que o presbítero cada vez mais possa vivificar, à luz da Palavra de Deus, as diversas situações e os diversos ambientes nos quais ele desenvolve o seu ministério”¹⁴. É nesse tempo da formação que se aprenderá a interiorizar-se para viver com profundidade o caminho espiritual pessoal, de forma que quando vier a exercer o ministério esteja em profunda e interior comunhão com o próprio Cristo. “Ao mesmo tempo, o Seminário deverá oferecer formação intelectual séria e profunda, no campo da filosofia, das ciências humanas, e especialmente da teologia e da missiologia, a fim de que o futuro sacerdote aprenda a anunciar a fé em toda a sua integridade, fiel ao Magistério da Igreja, com atenção crítica atento ao contexto cultural de nosso tempo e às grandes correntes de pensamento e de conduta que deverá evangelizar”¹⁵. Assim, a vida sacerdotal será vivida com coerência naquilo que prega e, ao mesmo tempo, no que procura viver. Por isso, o ministério do formador é indispensável no processo de formação dos futuros presbíteros, pois

13. FRANCISCO, *Carta Encíclica “Lumen Fidei” do Sumo Pontífice Francisco sobre a Fé*, 2013, n. 45.

14. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 60.

15. DAp 322.

é ele que deve garantir essa coerência de vida daquilo que se vive e ensina.

O processo formativo é integral, sistemático e exige, tanto do formando quanto do formador, ousadia e coragem para não se deixar intimidar diante dos questionamentos que vem de fora, sobretudo, quando a verdade de Cristo é colocada à prova. É preciso formar-se para a dimensão profética, em que somos chamados a anunciar mesmo quando somos questionados e até desacreditados.

Durante o tempo de formação presbiteral, o futuro presbítero precisa aprender a ensinar na pregação da Palavra, pela prática da homilia, tanto nas solenidades como nos dias feriais, na formação catequética, nas escolas, nos ambientes acadêmicos e, sobretudo, por meio da própria vida, em que o sacerdote é chamado a ser sempre o “mestre” que ensina, testemunhando que encontrou a Verdade, deixou-se transformar por ela e dela está a serviço, porque “os fiéis têm direito à competência, clareza e profundidade daqueles que assumem a responsabilidade de mestres na fé, no desempenho do ministério presbiteral”¹⁶.

A missão de ensinar não é uma teoria. Estamos a serviço de uma Verdade que encontramos, pela qual nos deixamos transformar e, ao mesmo tempo, somos ungidos e enviados para anunciá-la. “Certamente, nem tudo depende de tais meios ou das capacidades humanas, já que a graça divina pode conseguir o seu efeito independentemente da obra dos homens. Mas, no plano de Deus, a pregação da Palavra é, normalmente, o canal privilegiado para a transmissão da fé e para a missão evangelizadora”¹⁷.

Ninguém pode escolher o ministério ordenado por si mesmo, nem buscá-lo a fim de garantir uma segurança econômica/social estável para a vida. “O sacerdócio é resposta ao chamamento do Senhor, à sua vontade, para se tornar anunciadores não de uma verdade pessoal, mas da sua verdade”¹⁸.

Os formandos necessitam aprender, desde o início do tempo

16. PDV 51.

17. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 66.

18. BENTO XVI, “A missão de ensinar”, in _____, *O Ano Sacerdotal: Coletânea de Textos*, 2011, p. 115.

de formação, que o ministério é sempre para o outro, não um bem para si mesmo, mas sempre em benefício do outro. Nesse sentido, o Papa Francisco tem insistido, em seus discursos dirigidos ao clero, que é necessário superar a tendência ao carreirismo, que obscurece o verdadeiro sentido do ministério sacerdotal, ou seja, de que somos anunciadores não de uma verdade pessoal, mas da verdade de Cristo que renova o mundo.

Para que os futuros presbíteros desempenhem com eficiência seu ministério, sobretudo no que tange à missão de ensinar, é necessário capacitá-los. O ensino da Sagrada Escritura, os escritos dos Padres e dos Doutores da Igreja e o Catecismo da Igreja Católica são pontos de referência imprescindíveis no exercício do *munus docendi*, tão essencial para a conversão, o caminho de fé e a salvação dos homens.

Portanto, podemos afirmar que “a Verdade que não é simplesmente um conceito ou um conjunto de ideias a transmitir e assimilar, mas que é a Pessoa de Cristo, com a qual, pela qual e na qual viver e assim, necessariamente, nasce também a atualidade e a compreensão do anúncio”¹⁹. Essa verdade se realizou plenamente em Jesus Cristo. Por ela somos consagrados a fim de nos tornarmos seus anunciadores e servidores. O tempo da formação é oportuno para nos prepararmos para exercer bem essa missão.

Para exercer a missão de ensinar, o formando precisa obter algumas características que são indispensáveis para colocar-se a serviço. Simplicidade, fidelidade e proximidade são características essenciais da sua pregação, transparência da sua fé e da sua santidade. O futuro presbítero deve obter a consciência de que o serviço de ensinar na Igreja é garantir a muitos aquela segurança do rebanho que ouve a voz do Pastor e segue em sua direção.

2. O processo de formação sacerdotal e a missão de santificar

Durante o tempo da formação, o formando aprende que pela ordenação sacerdotal ele será revestido da graça e, ao mesmo tempo, da tarefa de santificar as pessoas.

19. *Idem*, p. 116.

O sacerdote é escolhido, consagrado e enviado para atualizar eficazmente esta missão eterna de Cristo, de quem se torna autêntico representante e mensageiro. Não se trata de uma simples função de representação extrínseca, mas constitui um verdadeiro instrumento de transmissão da graça da Redenção: ‘Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza Aquele que me enviou’ (Lc 10, 16)²⁰.

Esse serviço se realiza, sobretudo, mediante os sacramentos e o culto da Igreja. “Agindo *in persona Christi Capitis*, o sacerdote torna-se o ministro das ações salvíficas essenciais, transmite as verdades necessárias à salvação e apascenta o Povo de Deus, conduzindo-o rumo à santidade”²¹.

Santo é uma qualidade específica do ser de Deus. Uma verdade absoluta que está para além de tudo que podemos determinar. Uma verdade que nos supera, pois está dotada de amor, bondade e beleza, luz pura. “Portanto, santificar uma pessoa significa colocá-la em contato com Deus, com este seu ser luz, verdade, amor puro. É óbvio que este contato transforma a pessoa”²².

Na compreensão do Antigo Testamento, era quase uma convicção de que ninguém poderia ver Deus sem morrer imediatamente. Deus trazia em si uma verdade e uma luz que era excessiva! Para o homem ao tocar esta realidade seria impossível sobreviver. Mas também era consciente que o contato mínimo com Deus era necessário. Pois viver sem Deus era impossível. Foi então que, a partir dessa necessidade, surgiu a questão: o homem pode entrar em contato com Deus sem morrer pela grandeza de sua presença? Para isso, podemos dizer que o próprio Deus cria essa possibilidade, sobretudo porque nos torna semelhantes a Ele.

Aqui se encontra a tarefa do sacerdote de “santificar”. Nenhum homem por si mesmo, a partir da sua própria força, pode pôr o outro em contato com Deus. Com isso, constatamos a essência da graça sacerdotal que é sempre dom e tarefa.

20. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 8.

21. *Idem*, n. 9.

22. BENTO XVI, “A missão de ensinar”, in _____, *O Ano Sacerdotal: Coletânea de Textos*, 2011, p. 118.

Pode-se, portanto, dizer que a configuração a Cristo, mediante a consagração sacramental, define o sacerdote no seio do Povo de Deus, fazendo-o participar a seu modo no poder santificador, de magistério e pastoral do próprio Jesus Cristo, Cabeça e Pastor da Igreja. O sacerdote, tornando-se mais parecido com Cristo, torna-se – graças a Ele, não a si mesmo – colaborador da salvação dos irmãos: não é mais ele que vive e existe, mas Cristo nele (cf. Gl 2,20)²³.

O ministério da santificação deverá ser compreendido e aprendido ainda durante o período da formação, sobretudo na etapa da teologia. O futuro presbítero deve tornar-se um anunciador da palavra de Deus, na qual a sua luz vem ao nosso encontro.

É fundamental que, durante os anos de formação, os seminaristas sejam autênticos discípulos, chegando a realizar verdadeiro encontro pessoal com Jesus Cristo na oração com a Palavra, para que estabeleçam com Ele relações de amizade e amor, assegurando um autêntico processo de iniciação espiritual. A espiritualidade que se promove deverá corresponder à identidade da própria vocação, seja diocesana ou religiosa²⁴.

A missão de santificar se manifesta de modo particular na celebração dos Sacramentos. “A imersão no Mistério pascal de morte e ressurreição de Cristo verifica-se no Batismo, é revigorada na Confirmação e na Reconciliação, é alimentada pela Eucaristia, Sacramento que edifica a Igreja como Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo”²⁵.

Na Igreja é o próprio Cristo quem santifica e quem nos leva para Deus. Ele nos atrai e nos insere no seu mistério de amor. Mas sua atitude se manifesta, sobretudo, na misericórdia que Ele exerce diante daqueles que são chamados a “permanecer” com Ele (cf. Mc 3, 14) e que desejam exercer o serviço que ele exerceu, a fim de conduzir os homens a Deus. “A identidade do sacerdote deriva, portanto, da participação específica no Sacerdócio de Cristo, pelo qual o ordenado

23. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 8.

24. DAp 319.

25. PG 32.

se torna, na Igreja e para a Igreja, imagem real, viva e transparente de Cristo Sacerdote, ‘uma representação sacramental de Cristo Cabeça e Pastor’”²⁶.

Mediante o Sacramento da Ordem, não obstante a pobreza humana, o sacerdote presbítero participa do próprio Sacerdócio de Cristo. Por isso, é ministro desta santificação, dispensador dos seus mistérios, “ponte” do encontro com Ele, da sua mediação entre Deus e os homens, e entre os homens e Deus.

Nas últimas décadas, procurou-se ressaltar a dimensão do anúncio como relevante ao ministério sacerdotal. Contudo, tal ênfase provocou certo desligamento do ministério da santificação. Isso muito influenciou no trabalho da formação dos futuros presbíteros, salientando mais a dimensão pastoral e intelectual. Porém, é certo que a dimensão sacramental é um instrumento eficaz de evangelização e de pastoral. Jesus procurava pregar a vinda do Reino de Deus, mas também o inseria de maneira real e concreta por meio dos sinais e dos milagres que o acompanhavam. Por isso, anúncio e ação de Jesus se tornam uma realidade concreta de sua própria pessoa. “Os fiéis precisam ser encorajados por seus pastores, a fim de que não tenham medo de anunciar a fé com franqueza, tanto mais quanto quem evangeliza experimenta que o próprio ato missionário é fonte de renovação pessoal. De fato, a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. *É dando a fé que ela se fortalece!*”²⁷.

No processo de formação do futuro presbítero, o formando precisa crescer na consciência de que será ordenado para exercer a missão de Cristo, representá-lo eficaz e concretamente, mediante a Palavra e os Sacramentos, tornando-se ministro da santificação. Por isso, o seminarista “aprenda que a santificação ocorre no cotidiano, pelo modo como se dedica aos estudos, às tarefas do dia a dia, ao empenho pastoral e à convivência fraterna na casa de formação”²⁸.

É indispensável que a formação sacerdotal nos seminários contribua para que os futuros presbíteros reconheçam a importância dos

26. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 2.

27. *Idem*, n. 21.

28. CNBB, Doc. 93, n. 284.

Sacramentos, mas é igualmente necessário que haja um trabalho formativo sério na dimensão humano-afetiva que aprimore a disponibilidade e a generosidade daqueles que deverão transmitir aos irmãos os tesouros da graça que Deus depositou em suas mãos, a fim de serem fiéis guardiães e administradores. Nesse sentido, a formação humana do futuro sacerdote é imprescindível para garantir a eficácia do futuro ministério.

Por meio duma formação bem ordenada, cultive-se também nos alunos a devida maturidade humana, comprovada principalmente por uma certa estabilidade de ânimo, pela capacidade de tomar decisões ponderadas, e por um juízo reto sobre os homens e os acontecimentos. Habituem-se os alunos a dominar o próprio temperamento, formem-se na fortaleza de espírito e aprendam a estimar aquelas virtudes que são tidas em maior conta diante dos homens e recomendam o ministro de Cristo, como são a sinceridade, a preocupação constante da justiça, a fidelidade às promessas, a urbanidade no trato, a modéstia e caridade no falar²⁹.

O primeiro dever da missão da Igreja está no culto que ela realiza, sobretudo nos Sacramentos. Pelos Sacramentos Deus vem ao encontro dos homens, age neles pela graça e os conduz para si na eternidade. Ele o faz por meio de realidades concretas. Por isso, chama alguns para exercerem o serviço de santificar e, assim, tornarem-se instrumentos dele.

É necessário que cada sacerdote se recorde que na sua missão o anúncio missionário, o culto e os sacramentos nunca estão separados, e promova uma pastoral sacramental sadia, para formar o Povo de Deus e para o ajudar a viver plenamente a Liturgia, o culto da Igreja e os Sacramentos como dons gratuitos de Deus, gestos livres e eficazes da sua ação de salvação³⁰.

Os futuros presbíteros devem desenvolver no seu processo formativo uma disposição para a humildade e a generosidade, a fim de exercerem com solicitude esse serviço. Indispensável é o ministério

29. OT 1.

30. BENTO XVI, "A missão de ensinar", in _____, *O Ano Sacerdotal: Coletânea de Textos*, 2011, p. 117.

dos formadores, sobretudo pelo ensino, exemplo e testemunho convicto de que a própria missão do sacerdote é fazer com que todos os homens, unidos a Cristo, possam oferecer-se a Deus como hóstia viva e santa do seu agrado (cf. Rm 12, 1).

O ambiente do seminário deve proporcionar aos formandos uma experiência verdadeira de alegria e amor para com a liturgia e o culto. “A presença de Cristo no hoje da Igreja se expressa, junto com a Palavra, nos gestos salvíficos dos Sacramentos e no culto litúrgico. O futuro presbítero, que será o principal animador e servidor da celebração litúrgica, desde o início do seminário, tenha uma participação consciente e ativa na Liturgia”³¹. É no tempo de formação no seminário que o formando aprende a participar com frequência do Sacramento da Reconciliação, experimentando constantemente a presença da Misericórdia Divina e também aprende a celebrar e viver com intensidade a Eucaristia, que está no coração da tarefa de santificar.

O futuro sacerdote está chamado a ser ministro deste grande Mistério, no Sacramento e na vida. Porém, a eficácia sacramental não está na situação existencial do sacerdote. O Sacramento é válido independentemente do proceder da vida moral do padre. Tudo isso para salvaguardar os fiéis.

Se o presbítero empresta a Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, a inteligência, a vontade, a voz e as mãos para, mediante o seu ministério, poder oferecer ao Pai o sacrifício sacramental da redenção, deverá fazer próprias as disposições do Mestre e viver, como Ele, sendo dom para os seus irmãos. Deverá, por isso, aprender a unir-se intimamente à oferta, colocando sobre o altar do sacrifício toda a sua vida como sinal manifestativo do amor gratuito e preveniente de Deus³².

Porém, isso nada diminui nem dispensa os sacerdotes e os futuros sacerdotes a viverem de tal modo a sua vida, conformando-a cada dia a um coração totalmente sacerdotal. Assim, o sacerdote santifica e é santificado. Ressalta-se também a importância do formador dentro desse processo espiritual dos futuros presbíteros.

31. CNBB, Doc. 93, n. 288.

32. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 66.

A dimensão espiritual requer do formador uma presença formativa densa de alegre testemunho de vida em Deus e, também, uma atuação pedagógica específica. A principal tarefa dos formadores na estimulação e direção do crescimento espiritual consiste em empenhar-se para que o formando seja realmente um homem de fé. Recordar e testemunhar ao formando que um dos aspectos mais centrais da missão do presbítero é o de ser educador para a oração. Garantir que, no ritmo do cotidiano da casa de formação, haja o clima necessário para o crescimento espiritual com o suceder das oportunidades de oração profunda, de partilha espiritual, de desertos fecundos, de silêncio diante do Pai. Cuidar para que os formandos tenham momentos de qualidade na formação espiritual³³.

O formador será sempre a referência para que os formandos possam assimilar aquilo que é primordial na vida e no exercício do ministério sacerdotal, superando, a cada dia, as suas próprias fragilidades e apoiando-se na graça que lhe foi confiada pela sagrada ordenação, a fim de que possa exercer seu ministério em favor daqueles que aspiram o mesmo dom.

3. O processo de formação sacerdotal e a missão de governar

O *munus regendi* consiste em confirmar a missão do sacerdote ordenado de governar, de guiar, com a autoridade de Cristo a porção do povo que Deus lhe confiou. Não é poder humano, mas o poder do próprio Cristo confiado àquele que será seu servidor. “Toda autoridade deve ser exercida, efetivamente, em espírito de serviço, como *amoris officium* e dedicação desinteressada pelo bem do rebanho (cf. Jo 10, 11; 13, 14)”³⁴.

Na atual pós-modernidade, exercer esse serviço na Igreja se torna cada vez mais exigente, pois os riscos da influência secularizada da sociedade atual é uma realidade. Por isso, o tempo de formação será primordial para ajudar os futuros presbíteros a responderem a se-

33. CNBB, Doc. 93, n. 297.

34. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 66.

guinte pergunta: O que é autoridade? Uma pergunta a não somente ser respondida, mas compreendida à luz do evangelho.

O conceito de autoridade está demasiadamente sob suspeita e desconsideração. O ambiente de corrupção e o descrédito das instâncias superiores põem em questionamento o sentido real de autoridade. “O olhar sobre os regimes que, no século passado, semearam terror e morte, recorda com vigor que a autoridade, em qualquer âmbito, quando é exercida sem uma referência ao Transcendente, se prescindir da Autoridade suprema, que é Deus, acaba inevitavelmente por se voltar contra o homem”³⁵.

A autoridade deve ser sempre um meio que faça crescer a pessoa e reconheça a sua dignidade. Na formação dos futuros presbíteros, o conceito de autoridade tem que estar claro: sua finalidade deve ser sempre a do serviço dedicado e incansável ao bem das pessoas. O tempo do seminário é um tempo de discipulado e de configuração a Cristo. “Esta realidade, a se viver com humildade e coerência, pode estar sujeita a duas tentações opostas. A primeira é a de exercer o próprio ministério pondo e dispondo do rebanho (cf. Lc 22, 24-27; 1 Pd 5, 1-4), enquanto a segunda tentação é a de esvaziar, mediante uma incorreta concepção de comunidade, a própria configuração a Cristo Cabeça e Pastor”³⁶.

A autoridade do futuro presbítero deverá ser sempre a da transparência e da coerência. Nesse sentido a autoridade exercida é um ministério que ajuda a conduzir as pessoas ao único Bem Supremo que é Deus. A autoridade de um ministro ordenado deve ser um esforço contínuo de colaborar para que todos busquem o caminho que leva a uma verdadeira realização em Cristo, rumo à salvação. “O sacerdote não pode realizar seu serviço como um ‘senhor pároco’ autoritário. Ele deve tomar como exemplo os apóstolos, que no concílio de Jerusalém, incluíram toda a comunidade na deliberação (cf. At 15,22) e, assim, se tornaram modelos de deliberação conciliar. Pedir conselhos e aceitar bons conselhos são, segundo a tradição bíblica,

35. BENTO XVI, “A missão de governar”, in _____, *O Ano Sacerdotal: Coletânea de Textos*, 2011, p. 148.

36. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 25.

expressão de uma sábia e régia forma de governo”³⁷.

É através dos Pastores da Igreja que Cristo apascenta o seu povo. É Cristo quem guia, protege e corrige seu povo, porque o ama profundamente. Mas o Senhor Jesus, Pastor supremo das nossas almas, confiou aos seus apóstolos o poder de exercer esse serviço e, assim, torná-los colaboradores diretos de sua missão.

O sacerdote não deve encarar a sua própria função como que reduzida a de um simples dirigente. Ele é mediador – a ponte –, isto é, aquele que deve recordar sempre que o Senhor e Mestre ‘não veio para ser servido, mas para servir’ (Mc 10,45); que se ajoelhou a lavar os pés aos seus discípulos (cf. Jo 13,5) antes de morrer na Cruz e antes de enviá-los por todo o mundo (cf. Jo 20,21). Assim, o presbítero, ocupado no cuidado do rebanho que pertence ao Senhor, procurará proteger a grei, alimentando-a e conduzindo-a para Ele, o Bom Pastor que deseja a salvação de todos. Por conseguinte, alimentar o rebanho do Senhor é um ministério de amor vigilante, que exige a dedicação total, até esgotar as próprias forças e, se for necessário, até ao sacrifício da vida³⁸.

O múnus de governar confere a missão de cuidar do rebanho do Senhor, educando na fé, orientando, animando e apoiando as pessoas na sua caminhada de vida cristã ou, como diz o Concílio, cuidar “para que cada fiel seja levado, no Espírito Santo, a cultivar a própria vocação segundo o Evangelho, a uma caridade sincera e ativa e à liberdade com que Cristo nos libertou”³⁹. Portanto, o futuro pastor precisa ser formado com a consciência de que é o próprio Cristo que ama os homens e, mediante o ministério exercido pelos sacerdotes, instrui, guarda e guia o seu povo.

Para que um futuro sacerdote possa pastorear devidamente o povo de Deus a ele confiado, é preciso que ele também seja cuidado e preparado nessa dimensão. Por isso, se faz necessário trabalhar na formação, de modo integral, as diversas dimensões da pessoa: a dimensão psicológica, humana, afetiva, espiritual e pastoral. Esse trabalho

37. Walter KASPER, *Servidores da Alegria: existência sacerdotal – serviço sacerdotal*, 2007, p. 58.

38. Francisco TABORDA, *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*, 2011, p. 38.

39. PO 6.

deverá ajudar o formando a desenvolver as capacidades necessárias para exercer o ministério na Igreja, formando para o verdadeiro exercício da autoridade.

A missão de governar se funda no Sacramento, de sorte que sua eficácia não é independente da existência pessoal do presbítero. Por isso, o tempo da formação é para o formando um tempo eficaz para deixar-se formar segundo o coração de Deus (cf. Jr 3, 15) e aprofundar-se na amizade com Cristo, não só pela inteligência, mas também pela liberdade e vontade.

Os sacerdotes darão autêntico testemunho do Senhor Ressuscitado, a quem foi dado ‘todo o poder no céu e na terra’ (cf. Mt 28,18), se exercerem o próprio *poder* gastando-o no humilde e autorizado serviço em favor do rebanho e no respeito das tarefas que Cristo e a Igreja confiam aos fiéis leigos e aos fiéis consagrados pela profissão dos conselhos evangélicos⁴⁰.

O projeto de formação deve constituir alguns critérios que, no dia a dia do ministério, tornam-se essenciais para exercer a capacidade de governar. Nesse sentido, trabalhar a vontade, uma consciência clara da identidade sacerdotal, uma disponibilidade incondicionada a conduzir o rebanho confiado para onde o Senhor quer e não na direção que, aparentemente, parece mais conveniente ou mais fácil.

Antes de tudo, é preciso deixar que o próprio Cristo governe a existência sacerdotal dos presbíteros para que eles se tornem capazes de governar o povo e lhe ajude a viver uma obediência profunda e real a Cristo e à Igreja. Isso exige docilidade para com o povo e conformidade à vontade de Deus.

A missão de governar fundamenta-se no caráter hierárquico da Igreja. Esse caráter não está em oposição ao critério da comunhão da Igreja, mas está ligado à estrutura de autoridade sacramental na Igreja, ordenada segundo os dois níveis do Sacramento da Ordem: episcopado e presbiterado⁴¹.

40. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 25.

41 “Art. 2. O can. 1009 do *Código de Direito Canônico* doravante terá três parágrafos, no primeiro e no segundo dos quais se manterá o texto do cânone em vigor, enquanto no terceiro o novo texto seja redigido de modo que o can. 1009 §3 resulte

Para que a observância da obediência se dê e para ela poder alimentar a comunhão eclesial, todos os que estão constituídos em autoridade – os Ordinários, os Superiores religiosos, os Diretores de Sociedades de vida apostólica –, para além de oferecer o necessário e constante exemplo pessoal, devem exercer com caridade o seu carisma institucional, quer prevendo, quer pedindo, nos modos e ocasiões convenientes, a adesão a todas as disposições *no âmbito magisterial e disciplinar*. Tal adesão é fonte de liberdade, enquanto não impede, mas estimula a espontaneidade amadurecida do presbítero, que saberá assumir uma atitude pastoral serena e equilibrada, em relação ao que está estabelecido, criando a harmonia na qual o gênio pessoal se funde numa unidade superior ⁴².

O caráter hierárquico na Igreja não se reduz a elementos de subordinação jurídica, diante dos abusos de autoridade e de poder, influenciado pelo carreirismo, que descontextualiza o sentido próprio da hierarquia.

Na compreensão e opinião das pessoas, é comum compreender a hierarquia como algo relacionado ao domínio, mas isso não corresponde ao verdadeiro sentido da Igreja, da unidade que nasce do amor de Cristo. O significado da palavra hierarquia seria “origem sagrada”, ou seja: esta autoridade não vem do homem, mas tem origem no sagrado, no Sacramento, em Deus.

Durante o processo formativo, o futuro presbítero deve reconhecer, a partir de sua própria vocação, que foi chamado por Cristo para configurar-se a Ele e ao mistério de Sua vida. Isso gera uma consciência de que todo sacerdote é um servo de Cristo e só como servo de Cristo ele pode governar, guiar para Cristo e com Cristo. Por isso, quem exerce o ministério sagrado não é um autocrata, mas em

assim: ‘Aqueles que são constituídos na ordem do episcopado ou do presbiterado recebem a missão e a faculdade de agir na pessoa de Cristo Cabeça; os diáconos, ao contrário, sejam habilitados para servir o povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade’” (BENTO XVI, *Carta apostólica sob a forma de motu proprio “Omnium in mentem” do sumo pontífice Bento XVI sobre algumas modificações no Código de Direito Canônico (online)*, 2009, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20091026_codex-iuris-canonici.html>, acesso em: 14 de dezembro de 2018).

42. Walter KASPER, *Servidores da Alegria: existência sacerdotal – serviço sacerdotal*, 2007, p. 75.

obediência a Cristo, está comprometido com Ele e em comunhão com os outros membros da hierarquia.

A dimensão da comunhão está unida a hierarquia. O futuro presbítero deve estar unido de tal maneira a Cristo que sua vida deve configurar-se a Ele, sobretudo no serviço generoso aos irmãos, guiando-os e guardando-os a fim de que não se dispersem. ‘O ministro ordenado convoca e envia, enquanto exerce sua função *in persona Christi*. Posto perante a comunidade, o ministro é o lembrete palpável de que é Cristo quem preside a Igreja. Isso se manifesta de maneira especial nos sacramentos: o ministro é mero instrumento de Cristo’⁴³.

A finalidade da formação é preparar autênticos servidores, anunciadores de Cristo e que obtenham o desejo sincero de guiar os homens para a verdade da Salvação. A tarefa de governar será também conduzir as pessoas para à santidade, ajudando-as a caminhar “contra a corrente” e ensinando-as que, no serviço de Cristo, o maior é aquele que serve.

Durante o tempo de formação aprendemos que o primeiro formador é Cristo, somos formados pelo seu exemplo. Dele aprendemos a exercer o serviço de governar na Igreja.

O serviço sacerdotal deve estar impregnado, em todo tempo, por sua origem cristológica. Deve corresponder à atitude básica de Jesus, que não veio para dominar, mas para servir essa razão, os ministros não devem exercer seu carisma ministerial de forma autocrática e despótica, mas, como todos os carismas, entender o seu como serviço à construção da comunidade (1Cor 12,7; Ef 4,12). Não devem ser senhores da fé, mas servidores da alegria (2Cor 1,24)⁴⁴.

Assim como no cenáculo, Jesus ensinou a seus discípulos, também nos ensina que a verdadeira autoridade é serviço humilde e amoroso na doação total, fruto de uma verdadeira caridade pastoral: “Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não como por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer, nem

43. Francisco TABORDA, *A Igreja e seus ministros: Uma teologia do ministério ordenado*, 2011, p. 160.

44. Walter KASPER, *op. cit.*, p. 58.

por torpe ganância, mas por devoção, nem como senhores daqueles que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelos do rebanho. Assim, quando aparecer o Supremo Pastor, recebereis a coroa imarcescível da glória” (1Pd 5, 2).

Conclusão

O exercício do ministério sacerdotal é de relevante importância para a vida e a missão da Igreja. Por isso, uma formação sacerdotal para o ministério presbiteral séria e eficaz é fundamental para a vida e a missão da Igreja. Em tempos em que vivemos tristes acontecimentos envolvendo escândalos ligados ao clero, faz-se urgente a preocupação de renovar a formação sacerdotal e a disciplina dos mesmos.

Durante o percurso formativo rumo ao sacerdócio ministerial, o seminarista se apresenta como um ‘mistério para si mesmo’, no qual se entrelaçam e coexistem dois aspectos da sua humanidade, a serem integrados reciprocamente: por um lado, ela é caracterizada por dons e carismas, plasmada pela graça; por outro lado, é marcada por limites e fragilidades. O compromisso formativo consiste em procurar ajudar a pessoa a integrar estes aspectos, sob o influxo do Espírito Santo, em um caminho de fé e de progressivo e harmonioso amadurecimento dos mesmos, evitando a fragmentação, as polarizações, os excessos, a superficialidade ou a parcialidade. O tempo da formação para o sacerdócio ministerial é um tempo de prova, de amadurecimento e de discernimento por parte do seminarista e da instituição formativa⁴⁵.

Para que a Igreja possa realizar uma renovação na vida eclesial e também uma nova evangelização, é preciso que haja uma renovada atenção para com aqueles que vão garantir a eficácia desses objetivos. Também hoje se reconhece uma preocupação com aqueles que já estão exercendo o ministério sacerdotal e ainda com aqueles que chegaram à fragilidade da idade avançada.

Nesse sentido, o capítulo IV da *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* apresenta uma visão global da formação sacerdotal como caminho formativo que percorre toda a vida do sacerdote, des-

45. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*, 2017, n. 28.

de os estágios iniciais da vida do vocacionado, durante o período do seminário, os primeiros anos de exercício do ministério sacerdotal, inclusive atenção especial ao longo dos anos de vida sacerdotal. Por isso, é necessária uma formação adequada para que se aprendam as condições essenciais de uma reta motivação da vocação e do exercício do ministério.

O testemunho dado com a vida qualifica o presbítero e constitui a sua pregação mais convincente. A mesma disciplina eclesial, vivida com autênticas motivações interiores, revela-se como um cuidadoso serviço para viver a própria identidade, para fomentar a caridade e para fazer brilhar o testemunho, sem o qual toda a preparação cultural ou rigorosa programação seriam só ilusão. A nada serve o *fazer* se falta o *ser* com Cristo⁴⁶.

De certo modo, a vida do presbítero é como uma “escola” em que cada um é chamado a frequentar por toda a vida. Sabemos que esta escola se inicia no tempo do seminário. Com efeito, ter em si os sentimentos de Cristo é colocar-se cada dia na sua escola, para aprender com Ele a ter um coração manso e humilde, corajoso e apaixonado. É deixar-se *educar* por Cristo, Verbo eterno do Pai, ser cativado por Ele, coração e centro do mundo, e escolher precisamente a sua *forma* de vida. “Especial atenção deverá ser prestada ao processo de formação humana para a maturidade, de tal maneira que a vocação ao sacerdócio ministerial dos candidatos chegue a ser para cada um deles um projeto de vida estável e definitivo, em meio a uma cultura que exalta o descartável e o provisório”⁴⁷.

Procuramos desenvolver ao longo do presente trabalho a compreensão de uma sólida formação sacerdotal à luz da tríplice missão do ministério sagrado e de sua importância para a vida da Igreja. Pretende-se deixar evidente que a formação sacerdotal consiste em preparar com a máxima seriedade aqueles que serão ungidos e consagrados pelo Espírito Santo, para o serviço do sacerdócio de Jesus Cristo. Ele é o Profeta de Deus, o Sacerdote do Altíssimo e o Pastor que guia e rege a humanidade.

46. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n. 116.

47. DAp 321.

Os futuros presbíteros sejam iniciados na escola do Mestre, tornando-se mestres da verdade do Evangelho, não se omitindo, nem se deixando levar pelo medo de defender a fé da Igreja diante dos ataques que ela possa sofrer, sempre em sintonia com o Magistério da Igreja. O presbítero é um servidor. Não é um pregador de uma verdade “própria”, mas, servidor da verdade de Deus e da Igreja. Os presbíteros são ministros do sacerdócio de Cristo, para a santificação do povo, celebrando com ele e por ele os mistérios da vida e da santidade, sobretudo nos sacramentos. “O presbítero participa na missão e consagração de Cristo de modo específico e de plena autoridade, ou seja, mediante o sacramento da Ordem, em virtude do qual é configurado, no seu ser, a Jesus Cristo Cabeça e Pastor, e partilha a missão de ‘anunciar aos pobres a Boa Nova’ em nome e na pessoa do próprio Cristo”⁴⁸.

Aqueles que são chamados a exercer a missão de presbíteros sejam preparados para celebrar sempre com a Igreja, por ela e em nome dela, os mistérios sagrados. Sejam instruídos a se tornarem guias do povo. Ajudem-no a rezar por suas necessidades e aflições, não abandonando seu bem espiritual com o pretexto de resolver primeiro problemas particulares ou de necessidades assistenciais.

Cristo exerceu o seu tríplice ofício (*tria munera*) tanto em estado de humilhação como no de exaltação, por isso, foi ungido com a força do alto para que pudesse cumprir a sua missão. Que os futuros presbíteros estejam preparados para exercer esse ofício da mesma forma, considerando que muitas vezes deverão enfrentar as mesmas dificuldades, mas também conscientes de que a recompensa da exaltação espiritual é certa.

O processo de formação dos futuros presbíteros deve ter por modelo “Cristo”. Ele é o profeta que nos revela a vontade e a pessoa do Pai. Como sacerdote, Ele é o mediador diante de Deus; oferecendo-se a si mesmo, uma só vez, dando-nos o exemplo de que devemos também nós ser hóstias vivas. Como rei, ele governa sobre o mundo, protegendo o seu povo a fim de que não se perca.

Com efeito, Cristo “não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente” (Fl 2, 6), não reteve nada para si, mas partilhou com os homens a própria riqueza de ser Filho. O tem-

48. PDV 18.

po da formação presbiteral é essa oportunidade que o formando tem de partilhar da intimidade do Cristo e, depois de ordenado, atingir a todos com o dom recebido.

A missão de ensinar, santificar e governar está profundamente ligada à missão de Cristo e ao exercício do ministério sacerdotal daqueles que por Ele foram escolhidos. Por isso, o processo de formação sacerdotal deverá suscitar nos formandos, a partir de Cristo, a disponibilidade para o verdadeiro serviço.

O mistério da configuração com Cristo compreende-se na edificação com Aquele que se fez servo, sacerdote e vítima, exercendo ao mesmo tempo a missão de profeta, sacerdote e pastor. Configurando-se com Cristo, o futuro presbítero assume a tarefa de gastar toda a sua vida exercendo sua missão de ensinar, santificar e governar. Acreditamos que essa missão nos ultrapassa e não a conseguiremos cumpri-la plenamente, mas, a exemplo de São Paulo, corremos para a meta esperando alcançá-la (cf. Fl 3, 12-14).

Referências

- BENTO XVI. *O Ano Sacerdotal: Coletânea de Textos*. Organizado por Demétrio Gomes. São Paulo: Quadrante, 2011.
- _____. *Carta apostólica sob a forma de motu proprio “Omnium in mentem” do sumo pontífice Bento XVI sobre algumas modificações no Código de Direito Canônico (online)*, 2009. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20091026_codex-iuris-canonici.html>. Acesso em: 14 de dezembro de 2018.
- BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “*Optatam Totius*” (OT). In _____. *Compêndio do Vaticano II - constituições, decretos, declarações*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 507-526.
- _____. “*Presbyterorum ordinis*” (PO). In _____. *Compêndio do Vaticano II - constituições, decretos, declarações*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 439-483.
- CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE – CELAM. *Documento de Aparecida: texto con-*

- clusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (DAP). 3ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2007.*
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Brasília: CNBB, 2010. (Doc. 93).
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. Città del Vaticano: Vaticana, 2013.
- _____. *O dom da vocação presbiteral – ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*. Brasília: CNBB, 2017.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- _____. *Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulus, 2018.
- JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica “Pastores Dabo Vobis” sobre a formação dos sacerdotes (PDV)*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- _____. *Exortação Apostólica “Pastores Gregis” sobre o bispo, servidor do evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo (PG)*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KASPER, Walter. *Servidores da alegria: existência sacerdotal – serviço sacerdotal*. São Paulo: Loyola, 2008.
- TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011 (Coleção Teologia Sistemática).